

Multinacionais aguardam ansiosas

9-5-88

Investimentos congelados e muita cautela

MILTON F. DA ROCHA FILHO

SÃO PAULO — Os primeiros 23 dias do Plano Collor colocaram em expectativa a comunidade de empresas internacionais com filiais no Brasil, que esperam que ele dê certo, para que os investimentos retornem. Muitos planos de investimentos com recursos novos provenientes do exterior estão no momento congelados, revelou importante banqueiro, cuja instituição tem assento no comitê de negociação da dívida externa brasileira em Nova York, ao observar:

— Meu próprio banco está dando um tempo para ver como fica o Plano Collor para que voltemos a investir. É uma posição empresarial cautelosa.

O Presidente da Associação Nacional das Câmaras Americanas no Brasil — que representa mais de mil grandes empresas, responsáveis por um terço das exportações nacionais e um terço dos investimentos estrangeiros —, Christopher Lund, admitiu também essa expectativa. Quanto às filiais de multinacionais pedirem hoje recursos às matrizes para reforçar seus caixas, Lund foi enfático:

— Se buscarmos a matriz para pedir recursos agora, seus dirigentes simplesmente vão nos dizer: "Virem-se". Ainda não é o momento para isso. Tivemos uma estabilidade política admirável nos últimos 5 anos. Isso deve ajudar o Brasil. O Leste europeu não sabe



Lund: 'Se pedirmos recursos à matriz, eles vão nos dizer: virem-se'

para onde ir, busca caminhos. Aqui não, o Brasil está seguindo um caminho e tem estabilidade política.

As empresas estrangeiras estão preocupadas no momento em formar caixa para o pagamento de salários, em negociação com fornecedores para manter a produção normal e não elevar custos e também com as exportações, que não estão fluindo bem, devido principalmente à defasagem cambial.

Jan Wiegerinck, Presidente da Câmara do Comércio e Indústria Brasil-Holanda, explicou que as empresas holandesas no Brasil estão seguindo seus planos originais de investimento, sem alterações,

mas há expectativa em relação ao Plano Collor, que a maioria considera imprescindível que dê certo, para reduzir a inflação e para dotar o País de capacidade de planejamento de médio e longo prazos.

Na Câmara da Indústria e Comércio Francesa, há a informação de que a maior indústria de capital francês fora da França, a Rhodia, subsidiária da Rhone Poulenc, que já reduzira em 25% seus investimentos deste ano, resolveu realizar outro corte de mais 10%, enquanto faz uma nova análise do cenário brasileiro. A Rhodia tinha inicialmente investimentos programados no País superiores a US\$ 400 milhões.